

Redacção e administração
R. de S. Martinho
AVEIRO

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR: Manuel Homem Christo

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 265

Assignaturas
AVEIRO — Um anno, 15200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 13300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 25500. Semestre, 13500 réis (fortes).

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anúncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.

5.º ANNO

PAGAMENTO ADIANTADO

NUMERO AVULSO, 30 REIS

4 DE SETEMBRO

Glorioso mez, este mez de setembro. Mez em que se reuniu a Convenção. Mez em que o poder temporal cabiu, e para sempre. Mez que destronou Luiz XVI, Izabel II, Napoleão III e Pio IX.

Glorioso mez, este mez de setembro!

Faz hoje precisamente 34 annos que foi proclamada a republica franceza. Data, por tantos titulos, assignalada na historia da emancipação humana. Data de justiça. Data de liberdade. Data de esperança.

Não ha, como a historia, para levantar os animos abatidos, para confortar as almas. Para dissipar desalentos! Para insufflar a fé!

Por maior que seja o espirito de tenacidade, de energia, de combate, que eu sinta dentro em mim, por maior que seja a minha crença no triumpho do ideal democratico, nos progressos da civilização, na victoria final da liberdade, sinto ás vezes, olhando o espectáculo indoceroso que me cerca, invadir-me o desanimo, apoderar-se de mim o desalento. Corro então a pegar n'um livro de historia, e elle me diz que foi sempre assim, em toda a parte. Em toda a parte!

Todos os povos tem periodos de baixaza e de grandeza; de honra e opprobrio; de covardia e resistencia.

Essa França, que baqueava em 1870, tinha dictado leis á Europa, até 1866. Essa França, humilhada e desprezada, tinha sido adulada e requestada. Esse homem, que em Sédan apparecia o ultimo dos covardes, tinha sido considerado, até ahí, o primeiro dos valentes.

Os que consideravam a França um povo de raça decadente, ainda pouco antes, em Sebastopol, em Solferino, a haviam considerado o povo dominador por excellencia.

Sempre a mesma incoherencia. Sempre a mesma inconstancia.

A historia do segundo imperio é para nós, portuguezes da actualidade, a mais reconfortante de todas as leituras, por isso que, em muitos pontos, é a historia d'este periodo nacional que vamos atravessando. O mesmo desprezo da lei, do direito, da liberdade, por parte dos governantes. A mesma pusillanidade, covardia, indifferença, inconsciencia, da parte dos governados. A mesma mediocridade triumphante. As mesmas figuras odiosas, cynicas e grotescas juntamente, servis e insolentes, timoratas e audaciosas, caracterisando-se pela mais absoluta falta de capacidade intellectual e de capacidade moral.

É essa nota a nota dominante na historia do segundo imperio. A nação é governada por uma verdadeira escoria. Na magistratura, no exercito, nas finanças, na burocracia, na politica, dominam homens sem escrúpulos, sem talento, que dão a impressão exacta de verdadeiros cavalheiros de industria. Como nos tempos do predomínio fidalgo, são lacaios, sempre promptos a todas as baixazas e infamias no interesse do patrão, que é o seu proprio interesse. O mais servil e abjecto n'esse intuito é o mais applaudido e o mais querido. Procuram-se servos do regimen e, de modo algum, servidores honestos da nação.

É essa a nota característica d'esse imperio que, faz hoje 34 annos, se afundou em lodo, sem uma

saudade, sem uma lagrima sentida, sem pezar d'aquelles mesmos que o tinham defendido.

Sorte destinada a todos os regimens que se alhearam da consciencia publica!

Registam os historiadores que não houve uma lastima sincera para esse throno, invadido por uma onda de ignominia. Todos o viram desaparecer como uma expiação, como um castigo.

Assim foi. Assim será. Só ha uma força, a força da consciencia, a força da verdade, a força da justiça. Ai dos regimens aos quaes ella faltou. Ficam vivendo à mercê das contingencias, do acaso, dos caprichos do tempo e da sorte. Um grão de areia os faz viver; um grão de areia os aniquila.

Não ha trabalho tão demolidor como esse trabalho surdo das consciencias que protestam em segredo. Todos se agacham perante as oligarchias, os favoritos, os frascarios que passam, delirantes de goso e poder. Mas só se agacham para melhor ruminarem a vingança. No fundo d'essa fraqueza ficticia, ha coleras, ha impetos de revolta, ha pensamentos de desforra. Espreita-se a hora desejada, a hora querida da libertação. Ai do dictador, se lhe escorrega um pé.

Essas mesmas tropas que tinham, tantas vezes, servido de instrumento ao imperador, suffocando gritos de vingança, destruindo germen de revolta, esses mesmos beleguins, que tantas violencias commetteram, ao mando do arbitrio, cruzaram os braços na hora decisiva. Teriam, mais uma vez, esmagado o povo, se quizessem. Não quizeram. Ou, antes, não poderam. No instante supremo, até n'esses miseraveis servos do imperador, até n'esses lacaios impudicos, até n'esses salteadores arregimentados para assaltar o direito, poudé mais a voz da consciencia que o instincto de sicarios.

Oh! tão forte é ella, a consciencia! Que até nas horas solemnes deixa parados e quedos os bandidos! É ella que impõe o castigo e a queda. É ella que impõe a regeneração.

Luiz Napoleão tinha, desde o primeiro instante, a consciencia plena do seu crime. Portanto, a consciencia plena de que a sua dynastia se não poderia aguentar. E era essa a consciencia de todos os servidores do imperio.

São assim os regimens desde a hora em que se sentem divorciados do direito, da verdade, da justiça. Todos elles, e em toda a parte. Desde essa hora solemne reconhecem, nitidamente, o termo da sua existencia. Veem que já não poderão viver senão de mentiras, de extorsões, de violencias, de expedientes de toda a ordem. E com essas violencias e mentiras, com esses expedientes ignobeis, procuram prologar, simplesmente prologar, uma vida condemnada.

A primeira reacção, que se fórma contra esses excessos affrontosos, é, geralmente, desordenada, como o proprio meio em que se cria. Por isso mesmo facilmente vencida. É o primeiro signal, então, d'uma descida louca para o abysmo. D'ahi em diante não ha mais regra, não ha mais freio. O poder arruma para o lodo com os ultimos escrúpulos. Inaugura o regimen do bandidismo politico. Já não sóbe ao poder quem dá conselhos prudentes, quem tem alma e

intelligencia para se oppôr aos desvarios. Sóbe quem fecha os olhos, quem não ouve, quem não vê, senão para obedecer e seguir na senda do crime. O que usar esse caminho com mais audacia, com mais cynismo, é o que verdadeiramente triumphava.

Extinguu-se em todos a consciencia? Não. A consciencia está sempre alerta, em governantes e governados. A todos lhes diz que o terminar da orgia será o aniquilamento geral. Mas ninguem pára. É uma grande roleta. Os chefes da familia, devorados pela febre do vicio, jogam, jogam sem cessar. A familia não passa de lamentos, de supplicas, de lagrimas, sem um acto de coragem para gritar alto, alto, alto.

Foi assim em França, é assim em Portugal, é assim em toda a parte. A coragem vem só depois do grande desastre previsto por todos. Só então, se ha tempo ainda, vem a rehabilitação. Felizes d'aquelles que tem tempo para se rehabilitar!

O 4 de setembro foi, para a França, o termo definitivo da sua instabilidade politica. Termina n'esse dia a grande lucta entre o espirito monarchico, vencido desde 1789, e o espirito republicano. A Republica, surge, enfim, triumphadora. Triumpho duradouro, triumpho sólido!

Coincendencia notavel: Izabel II arrasta Napoleão III. Napoleão III arrasta Pio IX. Os tres representantes mais caracteristicos do despotismo, da reacção!

É a crise aberta pela queda de Izabel II que provoca a guerra franco-prussiana. É a batalha de Sédan que provoca a queda da dynastia napoleonica e a proclamação da republica. É a queda de Napoleão que provoca a entrada das tropas italianas em Roma e portanto a queda do poder temporal.

No mesmo dia em que Pio IX julgava ter attingido o apogeu do despotismo, reventava a guerra que deu no Papado o pontapé final.

Extranha coincidencia!

Saudemos, pois, o 4 de setembro como uma grande data de justiça, de rehabilitação e de esperança.

XV Congresso Internacional de Medicina (Lisboa. Abril de 1906)

Acabamos de receber os numeros 2 e 3 do Boletim official do XV Congresso Internacional de Medicina — Lisboa 1906. Contem artigos de chronica em que se apresentam as questões do momento e as resoluções mais importantes do comité organisador: a citar a exposição colonial que se ha-de fazer por occasião do Congresso e o inquerito sobre a peilatura n'este momento empreendido em Portugal pela secção de Psychiatria. Enchem quasi por completo os dois numeros os themas de relatorios officiaes com o nome dos relatores que já acceitaram ao convite que lhes foi dirigido. Ao mesmo tempo que os relatorios officiaes, cada secção publica uma lista de assumptos recommendados na ideia de que sirvam aos melhos para os desenvolverem em communicações livres. Finalmente, completa os numeros a lista dos comités nacionais do estrangeiro já constituídos até á presente data—e são quasi todos.

Methodo de João de Deus

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o annuncio das obras de João de Deus, que hoje começamos a publicar na quarta pagina d'este jornal.

PROTESTAMOS

O sr. dr. Bernardino Machado acaba de fazer um notavel reclame a sua magestade el-rei D. Carlos, reclame que é habilmente aproveitado pelo *Dia*, pela *Epocha* e por muitos outros periodicos monarchicos. Deu volta á imprensa, pôde-se dizer. E isso bastaria para demonstrar ao sr. dr. Bernardino Machado o erro que commetteu, se tal demonstração fosse necessaria.

Para nós são inteiramente indifferentes as qualidades pessoais de sua magestade. Não as affirmamos, nem as negamos. Affirma-las-iamos nega-las-iamos, se um alto dever de justiça a isso nos obrigasse. Mas, por simples amabilidade ou ligonja, ou por simples grosseria, de forma nenhuma.

Os jornaes monarchicos enganam-se. É grosseiro, sem duvida, injuriar o rei, como é grosseiro injuriar seja quem for. D'accordo. Achamos incorrecto esse procedimento. Mas não é menos incorrecto render, espontaneamente, louvaninhos, ou mesmo homenagens superfluas, desnecessarias ou inopportunas, aos nossos mais qualificados e ardentes inimigos.

A correcção, a fidalguia, está n'uma reserva moderada e activa.

Lamentamos muito que tenhamos nós que não frequentamos os salões, de dar lições d'esta natureza aos que se tem na conta de fidalgos.

Ha tempos, el-rei mandou pezames a um republicano conhecido, pela morte d'uma pessoa de familia. O republicano apressou-se a ir ao Paço agradecer. Foram ambos muito sinceros. Não temos duvida em o acreditar. Mas o publico ficou no direito de supôr que houve, de um lado, uma tentativa de corrupção, e, do outro, pouca firmeza em a repellar.

Pezames trocam-se entre amigos, ou, pelo menos, entre pessoas que mantem relações, entre pessoas que se entendem.

Quando o dr. Hygino de Souza falleceu, sua magestade a rainha manifestou a sua magna ao corpo docente da Escola Medica de Lisboa. Deu provas d'um bello coração. Mas nós, se fossemos rainha, hesitaríamos muito antes de dar um passo de tal ordem, com mêlo do morto ser o primeiro a não gostar, se resuscitasse.

A maior honra, que póle caber a um combatente, é ser temido pelos seus adversarios. Mais vale ser odiado por elles, que amado. Ora, por mais sensível, por mais nobre, por mais piedoso que seja o coração d'uma rainha, evidentemente não ha de ser grande a máguia pela morte d'um homem que lhe quizesse em vida tirar o throno e aos seus filhos dando-lhe, como complemento, o exilio, se esse homem fosse tido por ella na conta d'um adversario perigoso.

Ou, então, não foi sincera.

Em qualquer caso, ha motivo para reparos. Ou sua magestade não respeitou o seu proprio sentir, ou foi sem necessidade, lançar uma duvida sobre a inteireza das opiniões politicas d'um homem que já não podia protestar.

S'ja como for, o espectáculo era dissolvente, e nós precisamos, mais do que nunca, de fortalecer as almas.

Infelizmente, é d'esse genero o passo que acaba de dar o sr. Bernardino Machado. Em primeiro lugar, não se percebe bem como é que o sr. Luiz Morote não recorre ao presidente do conselho, com o qual já tinha tido uma conferencia, para o encaminhar até ao rei, nem ao sr. João Franco, ou a outro qualquer dos che-

fes monarchicos das suas relações, e recorre a um chefe republicano, o mais incompetente, por todos os motivos, para missão tão delicada. Em segundo lugar, não se percebe como o sr. dr. Bernardino Machado se não limita a transmittir, simplesmente, ao sr. conde do Arnoso, o pedido do sr. Luiz Morote.

Dir-se-hia que o sr. Bernardino Machado cahiu n'um laço para a propaganda que os monarchicos já tinham em vista effectuar.

Fosse como fosse, o sr. Bernardino Machado esqueceu-se de que os seus correligionarios vivem n'um regimen de oppressão, n'um regimen que ha muito tempo poz de parte a liberdade e o direito, n'um regimen que considera o partido republicano um *partido illegal*, que assim o diz nos seus periodicos sem robuço e que assim o trata, e que o rei, por mais altas que sejam as suas qualidades pessoais, e por maior que seja a sua abstenção dos negocios do estado, abstenção que os monarchicos são os primeiros a negar, é o verdadeiro representante d'esse regimen perseguidor, intransigente, rançoso.

Louvar o rei, ainda que o louvor seja merecido, é ferir legítimas susceptibilidades, é queiram ou não queiram, engrandecer o regimen que elle personifica e synthetisa. Não sendo necessario, não sendo um louvor imposto por um alto dever de consciencia, além d'um erro politico indesculpavel é, sob todos os aspectos, um acto incorrecto, contra o qual não podemos deixar de protestar.

Temos a certeza de que a grande maioria do partido republicano está, a estas horas, pensando como nós. Mas tambem estamos certo de que seremos nós o unico a protestar.

É outro erro. Ninguem respeita, nem admira mais o sr. Bernardino Machado do que nós. Temos por s. ex.ª a mais viva sympathia. Mas o partido republicano é um partido de opinião, e indispensavel se torna que, dentro d'elle, a opinião se manifeste.

Toda a gente é susceptivel de commetter erros. Para que o erro se corrija, para que não se repita, para que os proprios chefes saibam o caminho que hão de trilhar, é indispensavel que o partido, sem faltar ao respeito devido ás pessoas, diga, contudo, alto e bom som, o que sente e o que deseja.

A abdicación, n'um partido democratico, é a sua morte. O silencio é a sua ignominia. Toda a gente, esse grande mundo que está fóra dos partidos, e que constitue a verdadeira opinião, está no direito de tornar um partido inteiro solidario com os erros dos seus chefes, quando esse partido se calar.

O sr. Bernardino Machado já fez, n'outro dia, a apologia do culto catholico, por entre o silencio profundo de todo o partido republicano. Agora faz a apologia das qualidades pessoais de sua magestade, ficando o partido republicano silencioso tambem. Razão tem A *Epocha* para perguntar, com toda a gente *sorrata e liere de facciosismos partidarios*, como ella diz:

«Com tal rei e com taes republicanos ha motivo para se implantar a republica em Portugal?»

Em boa consciencia, em boa razão, em boa logica, a resposta só póde ser esta:

Com taes republicanos não ha, effectivamente, motivo algum para se implantar a republica em Portugal.

Desculpem, senhores. Esta franqueza rude é de quem se não habituou

de pisar sobre, nem a subordinar o seu criterio a ninguém.
De culpem, pois. Queiram ter a bondade de desculpar.

A INMACULADA CONCEIÇÃO EM AVEIRO

Referem varios periodicos que foram adiadas as manifestações preparadas pelos reaccionarios, isto é, a procissão projectada para o dia 11 de setembro.

A ser assim, é o segundo adiamento. A parada jesuitica foi annunciada primeiro para o dia 14 de agosto, como se sabe. Resolvido, porém, pelos republicanos d'esta cidade, solemnizar n'esse dia a inauguração da estatua de José Estevão, apressaram-se os reaccionarios a adiar a parada para o dia 11 de setembro. Resolvido, ainda, pelos republicanos, adiar tambem para o dia 11 de setembro as manifestações, que o governador civil prohibiu em 14 d'agosto, os reaccionarios acabam por desistir da grande procissão.

Estes factos são altamente significativos na sua simplicidade.

Mas é certo o segundo adiamento, ou, por outra, a desistencia da procissão? Desistencia definitiva, é claro, e tanto que não se marca novo dia, que viria a ser o 3.º projectado, para a parada grandiosa. Não valeria de nada o adiamento, por isso que os democratas repetiriam as suas manifestações em qualquer dia em que se realisasse a parada. O conflicto, e grave conflicto, ficaria sempre pendente. A unica maneira d'elle acabar é pôr termo, por uma vez, ao projecto da procissão.

Mas é certo, repetimos, que os reaccionarios desistiram da procissão? Supponmos que sim. No entanto, é bom estar d'atalaia. São por demais conhecidas as manhas dos reaccionarios. E tambem por demais conhecida, infelizmente, a ingenuidade lorpa dos chamados liberaes. A nós não nos enganam os reaccionarios. Conhecemo-los a fundo, pelas lições da historia.

Por isso pedimos a todos os liberaes d'esta terra que se conservem alerta, e aos de todo o paiz que se conservem promptos a reunir aqui á primeira voz.

Todas as associações e todos os individuos aos quaes a Commissão Municipal Republicana enviou convites para concorrerem aqui no dia 11 de setembro, devem estar preparados para a eventualidade de uma manobra jesuitica. Se for certo o adiamento, como parece, não receberão aviso algum. A falta de aviso importa a confirmação do boato. Se não for certo, serão avisados á ultima hora. A's associações populares do Porto, e a todos os elementos democraticos d'aquella cidade, irá um proprio levar o aviso.

E' claro que os reaccionarios não querem fazer uma procissão mesquinha, depois das grandes paradas de Braga e Guimarães. A fazer alguma coisa em Aveiro queriam fazer coisa que os honrasse, e não que os enchesse de ridiculo. Evidentemente, não iam repetir a procissão do Senhor dos Passos, ou a procissão da Cinza. Ora uma procissão não se faz em

segredo, grande ou pequena, mas sobretudo de caracter grandioso. Portanto, ha de haver tempo para avisar todas as associações e individuos convidados, que ficariam, pela surpresa, e pela natural irritação contra mais uma manobra jesuitica, com o gosto de vir aqui mais apurado, por isso mesmo que seria um gosto acirrado.

Mas não ha de ser preciso tanto incommodo, se Deus quizer. Os jesuitas viram, e viram bem, que não levavam a melhor. E nós ficamos tão bem collocados que nem lhes dêmos motivo para com razão nos censurarem. Censurem o governador civil, se querem censurar alguém. Foi o governador civil o culpado de tudo. Se nos tivesse deixado realisar livremente as manifestações projectadas para o dia 14, nada seria. Mas não quiz. E a unica resposta a dar ás suas violencias só podia ser a que estava resolvida: fazer através de tudo uma grande manifestação liberal no proprio dia da parada jesuitica.

Até os reaccionarios, que tiveram serenidade para sobrepôr a justiça ás paixões, nos hão de achar razão.

Queixem-se, pois, do governador civil. D'elle e só d'elle. E uma vez que as coisas chegaram a este estado tomem este conselho: limitem a festa ao culto interno. Deixem-se de adiamentos. A' mais pequena tentativa de procissão, SEJA QUANDO FOR, salvas as procissões usadas em Aveiro, é claro, teem-nos pela frente. Lá estamos na rua. Limitem a festa ao interior de qualquer igreja. Nós lhe garantimos que ali não serão perturbados. Que siga cada um a religião que quizer. Mas sem provocações e sem affrontas. Dentro da igreja façam o que entenderem. Mas cá fóra, depois do que se passou, nada. E ainda ficam com todas as vantagens sobre nós. A nós nada nos foi permitido. Carlos Braga prohibiu-nos todas as manifestações externas. E prohibiu-nos todas as manifestações internas. Dissolveu a conferência do sr. Antonio Luiz Gomes e poz taes restricções ao sarau que o tornou impossivel.

Os reaccionarios, limitando-se ás manifestações de culto interno, ficam, pois, ainda, com todas as vantagens sobre nós.

Contentem-se com isso, que não é pouco.

Folhetim

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o folhetim que hoje começamos a publicar.

E' seu auctor Arnaldo Gama, um dos melhores romancistas portuguezes, dos que possuíam mais poder de dramatisação.

Touradas no Pharol

Promettem ser deslumbrantes as duas corridas de touros que se realisam nos proximos dias 25 e 26 do corrente, na praia do Pharol, por occasião dos ruidosos festejos na Costa Nova e Barra.

Segundo nos informam, estão já contratados para estas corridas os melhores artistas portuguezes, além d'um espada, que está ainda em contrato com o empresario, sr. Antonio Joaquim Gloria.

O gado será o que ha de melhor e mais puro sangue que abundam nas margens do Ribatejo.

Vão, pois, ser duas touradas que ha muito se não dão nas melhores praças de Portugal.

A QUÉDA DO IMPERIO

EM PARIS

E' uma hora e um quarto da manhã do dia 4 de setembro de 1870. O presidente da camara dos deputados, Schneider, occupa o seu logar. O aspecto da assembléa é o aspecto das horas solemnes. Aspecto grave, aspecto soturno. O peso das responsabilidades enrugou as frentes e agita as consciencias. Soou a hora da justiça. Ha medo.

No meio d'um silencio profundo, silencio fumereo, o silencio dos criminosos quando sentem approximar-se a hora da justiça, o conde de Palikao, presidente do conselho, toma a palavra, sóbe á tribuna, e diz:

«Transmitto á camara uma triste noticia. O exercito capitulou em Sédan. O imperador ficou prisioneiro. Peço á camara que levante a sessão para se reunir amanhã á 1 hora da tarde.»

A direita exclama: «Sim, sim!» Uma voz: «A' manhã será tarde!» Julio Favre pede a palavra, e diz: «Se a camara se quer reunir amanhã, que se reúna. Eu mando para a meza, desde já, uma proposta, sem lhe accrescentar, por agora, commentario algum. Vou lêr, e peço á camara a maior attenção.»

Ar. 1.º—Luiz Napoleão Bonaparte e a sua dynastia são destituídos dos poderes que lhes conferiu a Constituição.

Ar. 2.º—Será nomeada pelo corpo legislativo uma commissão composta de... (vós fixareis, meus senhores, o numero dos membros d'essa commissão)... que ficará investida na posse de todos os poderes do governo e que terá por missão expressa resistir á outrance á invasão e expulsar o inimigo do territorio nacional.

Ar. 3.º—O general Trochu será mantido nas funções de governador geral da cidade de Paris.»

A camara e os ministros ouvem esta proposta em silencio profundo. O presidente levanta a sessão, que durou poucos minutos.

D'ahi a pouco rompe o dia. Aurora de redempção! Manhã deliciosa!

Os garotos dos jornaes accordam a cidade adormecida, gritando: «Napoleão III prisioneiro!» Todos se vestem á pressa. Não era uma surpresa. Desde a vespera que os habitantes de Paris tinham o presentimento de grandes desgraças.

As ruas enchem-se n'um instante. De todos os lados ondas de povo se encaminham para o centro de Paris.

O governo toma medidas de defesa. A policia está concentrada nas esquadras e no governo civil, em grande força. Os arredores do palacio Bourbon, onde funciona a camara dos deputados, e a praça da Concordia, são occupados militarmente. Os soldados dos depositos dos regimentos da Guarda estão em volta das Tulherias. A's onze horas da manhã o ministro do imperio (do interior) recebe um telegramma annunciando que o povo e a tropa de Lyon acabavam de proclamar a republica na segunda cidade da França. A noticia acaba de abater o ministerio, que se sentia já desalentado para salvar a monarchia.

As tropas, que cercam a camara dos deputados, dão signaes de revolta. O general Lebreton, inquirido, transmite ao ministro da guerra as suas inquietações. Este responde: «Tranquillisae-vos. Tenho 25.000 homens para vos defender. Não tendes nada a recear.»

Mas os officiaes não se illudem. Sabem que não tardará o momento da revolta geral.

De facto, d'ahi a pouco soam de todos os lados gritos estrondosos de: «Abaixo o imperio! Viva a republica!»

Entretanto, muitos deputados correm a casa do presidente da camara, intimando-o a ir abrir a sessão. Outros dirigem-se ás Tulherias, aconselhando a imperatriz a

abdicar, e tornando-a responsavel pelas desgraças que podessem succeder.

A imperatriz, com a cabeça perdida, não sabe o que ha de fazer. A todos pede conselho, mas ninguém lh'o sabe dar.

A onda popular cresce, de instante a instante. Em volta da estatua de Strasburgo accumula-se uma multidão compacta. As tribunas, na camara, estavam cheias, desde as nove horas da manhã.

Schneider abre, enfim, a sessão. Palikao, o presidente do ministerio, propõe um conselho de defeza nacional. Julio Favre pede que se vote a sua moção. Thiers declara que as suas preferencias pessoais são pela proposta de Julio Favre, mas que lhe parece melhor, de momento, nomear apenas uma commissão de governo com poderes para reunir, opportunamente, uma Constituinte. E' esta idéa que vae vingar. Mas, n'esse instante, uma massa enorme desemboca da rua Royale, da rua Rivoli e do caes das Tulherias, cantando a Marselheza. A tropa não oppõe resistencia. Não se sente com forças para isso. A excitação dos soldados é extraordinaria. Muitos d'elles acompanham os canticos e os gritos populares. A massa approxima-se da camara. O general Caussade, que a defende, recebe ordem do ministro da guerra para mandar fazer fogo. Mas como, se elle sabe que não será obediencia? A massa avança sempre. Avança, avança! Põe o pé nos primeiros degraus do palacio legislativo. Sóbe, a correr. Invade os corredores, sala, tudo. Grita, sem cessar: «Abaixo o imperio! Viva a republica! E abaixo o imperio, viva a republica!» Repete aos ouvidos do presidente do conselho e nas barbas do presidente da camara.

As circumstancias são mais criticas do que nunca. O que irá fazer esse povo apaixonado, colerico, sedento de vingança, cheio de justiça? Gambetta salva a situação.

«Cidadãos, diz elle, uma das primeiras condições da emancipação d'um povo é a ordem e a regularidade. Compromettemo-nos a respeitá-las. Quereis vós manter o nosso contracto? Quereis vós que façamos coisas regulares?»

Um grito geral de approvação lhe responde.

Gambetta continua:

«Nas circumstancias actuaes é preciso que cada um de vós seja o mantenedor da ordem. Podeis dar um grande espectáculo e uma grande lição. Quereis? (Vozes clamorosas: Sim, sim! Viva a republica!) Que haja, então, em cada tribuna, um grupo que assegure a ordem enquanto nós deliberamos.»

Os invasores acalmam um pouco. Schneider quer falar, mas só o escutam enquanto elle elogia Gambetta. Depois, não o ouvem. O tumulto recresce. E' assustador. O presidente do conselho, um dos que assumiam a responsabilidade enquanto tinham as costas quentes, aproveita a confusão para se pôr a salvo. E eclipsa-se!

O numero dos populares augmenta cada vez mais. Vociferam: «Não queremos demoras!»

Gambetta quer falar de novo, mas nem elle proprio consegue, já, dominar as impacencias do publico. «Vamos, vamos, exclamam milhares de vozes, proclame a queda do imperio. Mas já. Deixemo-nos d'isto.»

Gambetta vê o perigo. E' impossivel demorar mais as deliberações. Sóbe á tribuna.

«Cidadãos, attendendo a que a patria está em perigo;

Attendendo a que a representação nacional teve tempo sufficiente para se pronunciar;

Attendendo a que nós somos e constituimos o poder regular sahido do suffragio universal livre;

Declaramos que Luiz Napoleão Bonaparte e a sua dynastia deixaram de reinar em França para sempre.»

Uma trovoadá de applausos acolheu esta declaração. Mas não bastava. Era preciso tambem proclamar a Republica.

A republica, a republica immediatamente! dizem muitas vozes.

Gritos numerosos: Viva a Republica!

Gambetta: Sim, viva a Republica. Cidadãos, vamos proclama-la á camara municipal.

Que fazia, n'esse meio tempo, a imperatriz?

Despachos constantes chegavam ás Tulherias, do ministerio da guerra, do ministerio do interior e da prefeitura de policia, cada vez mais assustadores. «A multidão desce dos faubourgs. A praça da Concordia está coberta de operarios e de guardas nacionaes. Soltam-se gritos de: Viva a republica e abaixo o imperio.» A's onze horas o general Trochu chegou. «Minha senhora, eis a hora dos grandes perigos. Faremos tudo o que podermos.»

Ao meio dia, uma deputação do Corpo legislativo pediu para falar á imperatriz. Vinha-lhe propôr a abdicção. Friamente, a imperatriz respondeu que ia reunir os ministros e elles resolveriam. «Não ha um instante a perder, senhora.» «Está então tudo perdido?» N'esse momento ouviram-se, como um trovão, os clamores do povo. Os deputados exclamaram: «Chegae a essa janella, senhora. Podereis ver e ouvir.»

E retiraram-se.

A imperatriz, só, chorou. «Ah! a abdicção, a abdicção. E contudo, se elles quizessem, ainda haveria recursos de salvação. Mas não querem. Ah! ninguém queira ser desgraçado em França!»

Mais um telegramma, que diz: Partem as aguias imperiaes!

As damas de honor, as marchalhas Pélissier e Cannhert, dirigem-lhe palavras de consolação. A princeza Clotilde e a princeza Mathilde entram n'essa occasião. A imperatriz abraça-se. O embaixador de Italia e o embaixador da Austria, apaixonados da imperatriz, conversam em voz baixa. Depois, levantando a voz, declaram á imperatriz que chegou o momento de abandonar as Tulherias. Então as damas rompem em choro e soluços.

A imperatriz levanta-se e ellas cobrem-lhe as mãos de beijos. Adeus, adeus! Adeus para sempre!

Um grito enorme se ouve nas ruas: A's Tulherias, ás Tulherias. No mesmo instante voam em pedaços as aguias do portão. Viva a republica! Viva a França!

Uma grande angustia se apodera do commandante das tropas que defendem o palacio. Fazer fogo sobre aquelle povo cheio de justiça? Verter alli o sangue francez? Mas o que acontecerá se o povo penetra no palacio?

O commandante hesita. Salva-o d'essa angustia uma voz, que grita: «Acabam de arriar o estandarte imperial. A imperatriz já não está no palacio.»

Abençoada voz. O commandante olha, vê que é verdade, e afasta-se, deixando entrar o povo.

Estava tudo acabado.

A imperatriz sabe por uma porta reservada. Espera-a um trem de praça. Nem teve tempo para levar consigo um lenço de assoar. Um garoto reconhece-a e diz: «Alli vae a imperatriz.» O cocheiro castiga os cavallos. O trem parte a toda a brida. Para onde vae? Não sabe. Quer pagar ao cocheiro e não tem dinheiro! Madame de Lebreton, que a acompanha, empresta-lhe tres francos, os unicos que tem.

Mas para onde vae? Uma idéa lhe occorre; pedirá asylo ao seu dentista!

Triste fim d'uma aventura! Triste fim d'uma aventura!

Mas vamos. O coração do dentista era generoso. A sua cabeça intelligente. Recebe a soberana. Sabe occulta-la. Sabe disfarça-la. Sabe conduzi-la disfarçada até ao estrangeiro.

Ei-la na Inglaterra!

Graças ao coração generoso, graças á habilidade d'um dentista, unico amigo que lhe restou.

Triste fim d'uma aventura! Triste fim d'uma aventureira!

CARLOS BRAGA

Confirma-se a noticia dada por nós na local á ultima hora, do numero passado. O alferes Vellez foi louvado, por proposta do sr. governador civil, como se vê do seguinte:

Sua Magestade El Rei, a quem foram prestadas as informações do governador civil do districto de Aveiro acerca do modo conjunctamente energico e prudente, pelo qual em 9 do corrente mez o alferes de cavallaria n.º 7, José Augusto da Conceição Alves Vellez tornou effectiva a manutenção da ordem e tranquillidade publica por occasião de ser dissolvida n'aquella cidade uma conferencia publica: ha por bem determinar que em seu real nome sejam conferidos pelo mesmo magistrado ao sobredito official do exército os merecidos louvores pelo bom serviço que prestou.

Pago, em 26 de agosto de 1904—Ernesto Redolpho Hintze Ribeiro.

Esta agora faz rir. Não causa indignação, faz rir. Carlos Braga é, decididamente, uma creatura grotesca.

Toda a gente sabe em Aveiro que não houve a menor perturbação da ordem nem da tranquillidade publica na noite de 9 de agosto do mez findo. Ninguém ignora que o alferes Vellez não encontrou resistencia absolutamente nenhuma. E, comtudo, é louvado pelo modo conjunctamente energico e prudente com que tornou effectiva a manutenção da ordem e tranquillidade publica.

Ora bolas. Simplesmente ridiculo. E eis como se ganham louros de batalha!

As proprias regiões officiaes, ao que parece, acharam o caso ridiculo. O que se faz sempre em casos d'estes é louvar o official em ordem do exercito, embora a proposta seja feita pela auctoridade civil. Vae a proposta á consulta das auctoridades militares e depois é publicada em ordem do exercito.

Porque não succedeu isso agora em Aveiro?

Não sabemos. Mas, evidentemente, a proposta foi submettida á apreciação do ministro da guerra. Evidentemente. Não podia ser d'outra forma. E vê-se que o ministro da guerra não achou motivo para louvar.

N'essas condições, se o sr. governador civil fosse um homem atilado mettia-se nas encolhas, que era o unico recurso.

Como é tolo, deitou um remendo e estragou tudo com elle.

Nada sabemos do que se passou. Mas o caminho seguido deve ser este que estamos indicando. Governador civil queria metter figura. Como o ministro da guerra não quiz louvar, louvou elle.

Não é caso para dar os parabens ao agraciado.

Enfim, pôde ser que nós estejamos em erro. Por isso mesmo esperaremos mais uns dias, a vêr se

as auctoridades militares dão algum signal de si.

E então commentaremos mais largamente o assumpto.

BRUXEDO

Pedem-nos varias pessoas que levantemos a voz contra uma pouca vergonha revoltante, que se está praticando ali nas barbas da auctoridade. Segundo nos informam ha na cidade uma cambada de especuladores que, sob o nome de bruxos e bruxas, vivem de deitar cartas, de fazer prophecias, de curar doenças phisicas e moraes, e d'outras intrujices de marca maior.

Esses bruxos e bruxas são, ao mesmo tempo, uma especie de guarda avançada da clericalha. Assim um dos seus remedios favoritos, para todos os males, são penitencias, rezas, missas, que receitam a todos os idiotas, machos e femeas, que os consultam. Tem conseguido dar volta ao miolo a um bando de mulheres, que passam a vida pelas egrejas. Essas figuronas, que bem precisavam d'uma lição, abandonam o governo da casa, o cuidado da familia, para andarem todo o dia a correr para a igreja.

E' uma pouca vergonha revoltante.

Não sabe d'isso a auctoridade? Sabe. Mas n'este paiz as auctoridades servem só para castigar, e perseguir, os que protestam a favor da liberdade, do direito e da justiça.

Um dos taes bruxos é do Porto. Veio d'esta cidade para Aveiro contratado por tres mil réis por dia. Se os freguezes chegarem á conta dos tres mil réis, recebe-os o bruxo e fica com elles. Se excederem essa conta, o excesso é dividido entre o bruxo e aquelles que o contrataram. Se não chegarem lá, os contratadores põem do seu bolso o que faltar.

Isto é licito? Queremos que as senhoras auctoridades nos digam se um mariolão qualquer, ou uma desvergonhada, pôde abusar dos pobres de espirito arrancando-lhes dinheiro do bolso em troca de receitas, prophecias, benzedelas e outras intrujices eguaes.

Algumas d'essas bruxas en-

tregam-se ao mister lucrativo de provocar abortos, e ao de fabricar beberagens para enfeitejar sujeitos que se não deixam enfeitejar sómente pelos lindos olhos das femeas. Isso tem dado logar a gravissimos attentados, que são do dominio publico.

Pois as senhoras auctoridades não sabem o que sabe todo o mundo? O que se diz, o que se conta em todos os centros da cidade?

Sabem, mas não fazem caso. Pois pedimos-lhe o favor da sua attenção.

E voltaremos a este assumpto.

CARTA

Do sr. João Augusto de Mendonça Barreto, recebemos uma carta e programma da carreira de tiro civil, a que gostosamente damos publicidade:

... Sr.—No «Progresso d'Aveiro», acabo de ver uma local sobre o concurso de tiro civil que deve ter logar no proximo dia 11 do corrente, em que se diz que este concurso é privativo do Club Mario Duarte.

Como não seja verdadeira tal asserção peço a v. a grande fineza de declarar no «Povo de Aveiro» que n'este concurso podem entrar todos os atiradores civis inscriptos na carreira d'esta cidade, como consta dos programmas que largamente vão ser distribuidos.

O engano naturalmente vem de ter este Club sollicitado os premios e de ter sido esta Associação a iniciadora do tiro civil n'esta região.

Peço licenca para juntar um dos programmas já impresso, afim de v. melhor poder ver e rectificar semelhante noticia.

Agradecendo muito reconhecido a publicação no «Povo» proximo d'esta declaração

Sou de v., etc.

João Augusto de Mendonça Barreto.

CARREIRA DE TIRO DE AVEIRO

—*— ATIRADORES CIVIS INDEPENDENTES

1.º Concurso local

Concurso local de tiro nos termos do § 8.º do artigo 21.º do Regulamento nacional de tiro, que deverá ter logar no dia 11 de setembro, pelas 9 horas da manhã, n'esta carreira de tiro, pela forma como adiante se precieitua, sendo o concurso dividido em duas partes de certamen geral e uma especial, Campeonato d'Aveiro, cuja execução se realizará simultaneamente no referido dia.

Condições geraes — Emprego excludente

saudades não sinto agora d'aquellas formosissimas noites, e, mais do que d'ellas, d'aquelles descaudados cinco annos, em cuja epocha as gozei!

Salve, ó tempos ditos, tempos bem afortunados, em que a vida era um sonho, e ella toda rosas e toda perfumes; em que as aspirações eram grandes e generosas as illusões, que d'ellas eram musa tres vezes santa; em que cada rapaz se reputava um hero, e cada um d'aquelles heroes imaginava que havia de acoriar d'aquelle sonho com a sociedade a bater-lhe á porta, a pedir-lhe por especial favor que fosse ser grande no meio d'ella:—vida sem afflicções, sem dores e sem cuidados; vida que não pensava no dia de amanhã; vida, enfim, em que o estudante vinha para casa por altas horas da noite, e, sem dinheiro e sem cigarros, se mettia sonoladamente na cama,

Y asiendo los dos extremos De la sabana a la par, Com un movimiento rápido Se hundia D. Juan en su lecho, Y dormia tan satisfecho, Que era cosa de envidiar!

Grande Deus, porque não ha-de a mocidade ser perpetua, ou, então, porque não ha-de um homem morrer, quando bate a derradeira hora d'aquella vida, e lhe brada:—«Para li cerrou-se para nunca mais o tempo das illusões; agora principia o das realidades?»

(Continúa.)

sivo da espingarda de 8mm m.º86: distancia de 300 metros; alvos de 6 zonas de 0.º2; 0.º4; 0.º6; 0.º8; 1.º0; 1.º2 de diametro a que respectivamente corresponderão os valores 6, 5, 4, 3, 2 e 1, para os effectos da classificação; marcação tiro a tiro; classificação pelo maior numero de pontos obtidos, preferindo, no caso de egualdade, o maior numero de balas, e recorrendo a séries de cinco tiros feitas nas condições designadas para cada parte do concurso, no caso de novo empate.

1.ª parte—Premios: do sr. ministro da guerra, da camara municipal de Aveiro, do sr. commandante da 9.ª brigada d'infanteria, da corporação dos officiaes d'infanteria n.º 24, do sr. Mario Duarte.

Podem concorrer todos os atiradores civis matriculados na carreira, e bem assim todos os officiaes do exercito com residencia em Aveiro. 1.ª serie 10 tiros de pé, a braços; 2.ª serie, 10 tiros á vontade.

As munições serão fornecidas gratuitamente aos atiradores que no presente periodo, até á data do concurso, tenham obtido a classificação de atiradores de 2.ª classe e a todos os demais ao preço ordinario.

Serie especial—Campeonato d'Aveiro: premios de suas magestades el-rei e a rainha—Só podem concorrer os 20 atiradores mais classificados na 1.ª parte. Os premios são tirados á sorte pelos dois atiradores que obtenham maior classificação. Dez tiros á vontade. Munições fornecidas gratuitamente.

2.ª parte.—Premios: da Direcção geral dos serviços de infanteria, do commando do regimento de infanteria n.º 24, do director da carreira, d'um atirador civil, da corporação dos officiaes inferiores de infanteria n.º 24.

Serie unica.—Dez tiros á vontade. Podem concorrer todas as praças de pret do exercito com residencia em Aveiro e Ilhavo, embora temporariamente. Munições fornecidas gratuitamente.

Disposições geraes—(a) A admissão a cada parte do concurso far-se-ha por numero d'ordem da minuta previamente requisitada ao encarregado da escripturação.

b) Os premios de certamen geral serão numerados e distribuidos por ordem da classificação estabelecida pelo jury.

c) Quaesquer outros premios officiaes serão distribuidos pelas duas partes do certamen geral conforme o desejo do offrente e devidamente classificados pelo jury.

d) Qualquer reclamação será feita por intermedio do director da carreira.

Premios recebidos posteriormente á approvação d'este programma pelo sr. general, director geral da infanteria, e que hão de ser distribuidos segundo o disposto na alinea c) das Disposições geraes: do sr. deputado Manuel Homem de Mello, da camara municipal de Ilhavo.

ADHESÕES

Recebemos no ultimo domingo o officio que se segue. Devemos dizer aos dignissimos corpos gerentes que a Commissão Municipal Republicana de Aveiro se não esqueceu de enviar a circular ao Centro Socialista de Gaya. Foi, sem duvida, extravio do correio.

A REDACÇÃO DO «POVO DE AVEIRO»

Il.ºs e Ex.ºs Srs.

«Saude, Amor e Justiça.»

O Centro Socialista de Villa Nova de Gaya tem seguido com o maximo interesse e com admiração a acção dos liberaes de Aveiro perante as manifestações reacconarias, retrogradas e estupidas, do elemento clerical d'essa cidade, que n'ella querem reproduzir as manifestações d'hontem em Braga e Guimarães.

Apezar de não sentir indignação, ou desalento, com essas manifestações, pois só ellas tem o condão de accediar o espirito, quasi morto, dos liberaes d'este desgraçalissimo paiz, que na sua maioria se tem colligado de pouco a pouco com o seu maior inimigo

—o clericalismo—dando assim motivo e até razão para o poderio e para a ousadia d'esse inimigo sempre negro, este Centro não pôde deixar de adherir aos liberaes de Aveiro em todas as suas manifestações de protesto e até de lueta que tem travado, e venha a travar com esse elemento que tem todas as paginas da sua historia manchadas com o sangue de milhares e milhares d'almas.

E apezar da sua adhesão tardia, e pouco valiosa, a commissão administrativa d'este Centro, não tendo recebido a circular da Commissão Municipal d'essa cidade para as manifestações que promoveu, não deixa de se dirigir ao «Povo de Aveiro» que honra a bibliotheca d'este Centro com a sua visita, infelizmente semanal, saudando a sua nobilissima conducta na lueta contra o reacconarismo e o absurdo que pretende assentar arraias no berço de José Estevão Coelho de Magalhães.

Villa Nova de Gaya e secretaria do Centro Socialista, 28 de Agosto de 1904.

Pela Commissão Administrativa O SECRETARIO, Antonio Augusto da Silva.

COLLYSEU FIGUEIRENSE

Com um verdadeiro dia de touros, sol e moscas, se effectou no elegante Collyseu Figueirense, a 3.ª corrida d.º epocha que deixou os afficionados satisfeitos.

A 4 e meia da tarde, deu entrada no redondel o cortejo, que depois de fazer as cortezias com toda a galhardia, se deu principio á corrida, saltando para João Marcelino o 1.º da tarde, por alcunha «Garvoeiros», voluntario e leal; foi o melhor boi da tarde que foi bem aproveitado, farpeando com entusiasmo e luzimento, empregando ferros de valor e com arte, rematando com um curto magistralmente collocado. Foi colhido ao segundo ferro que tentava prender, sendo derrubado, mas socorrido a tempo pelos capotes nada soffreu, a não ser a queda, que nos pareceu perigosa, por ficar com uma das pernas debaixo do cavallo. Felizmente teve sorte, porque sahii illeso de tão difficil transe.

Mantel Casimiro, que tem a sua reputação feita, não a desfez, pois que collocou ferros com toda a mestria, variando as sortes, e deve ter especial menção a sorte do gaiola que foi de mestre. Este boi saltando a trincheira colheu o carpinteiro da praça, maltratando-o, a ponto de ser levado em braços para a enfermaria, onde lhe prestou os primeiros socorros o sr. dr. Cortezão, tendo de lhe ser cosido um raspão que apanhou na cara a pontos naturaes. «Chaparro», se chamava o 3.º que coube a Theodoro e Cadete foi mimosado com bons pares de bandarilhas, tanto d'um como d'outro, sobressaindo a gaiola de Theodoro que foi soberba. O 4.º foi dado a Ricardo F. Pereira que o soube aproveitar, apezar de ser um pouco retardado, contudo conseguiu agrafar, prendendo ferros muito regulares. Sendo este boi mandado pegar á volta, o publico, apenas viu as chéas na praça levantou-se em allos protestos contra o intelligente, e não foi sem razão, pois que dois dos forcados saíram, tambem, em braços para a enfermaria bastante mal tratados, tendo o boi de recolher sem ser pegado.

Entra na arena Joaquim Alves para se defrontar com o 5.º baptisado com o nome de «Sagueiros» sahindo, collocando a muito custo dois ferros á volta e um á tira. Foi colhido junto á trincheira, salvando-se por ella, saltando e o cavallo chapulo, recebendo valentes beijos do seu adversario, e tudo isto devido á falta de lealdade, pois que nem um capote se encontrava na praça!!! O 6.º «Sapateiros» se chamava, coube a João Marcelino e Manuel Casimiro que por mais esforços que fizesssem nada conseguiram de semelhante bruto, mas despertado com um par de Theodoro, conseguiram prender alguns ferros regularmente collocados. Silbancia e Ca-ba-ê bandarilharam o 7.º, por nome «Milhanos», trabalhando com vontade, e deixando alguns pares de merecimento.

No 8.º «Benfeitos» collocou Manuel dos Santos tres pares, sendo um bom, e Torres Branco um. Foi admiravelmente pegado de cara por João Marcelino, levantando se o publico em peso a applaudir-o.

Ricardo F. Pereira e Joaquim Alves entram para farpearem o 9.º da tarde «Manjão», biço que cumpriu, havendo alguns ferros postos com arte.

O 10.º e ultimo da tarde foi para Theodoro e Cadete que o não deixaram recolher sem ir devidamente enfiado.

Respeitando a tourada sahíez os mais exigentes. Pena foi que a casa não estivesse boa, pois só a sombra se achava cheia, falha nos camarotes e pouco mais do meio no sol e galerias. Do gado só se distinguio o primeiro, o resto era de mau sangue. Intelligencia pouco acutada, mas com tudo isto não condemnamos a Empreza porque a organizou com elementos de primeira ordem.

No dia 8 do corrente, festa de S. da Encarnação, em Barros, tivemos outra corrida com gado do Correo Branco, Manuel e José Casimiro, Eprida, Rogatierino, Honrarias, os melhores, como Theodoro, Cadete, Torres Branco, José Martins, Manuel dos Santos, Theodor Rocha.

FOLHETIM

A CALDEIRA DE PEDRO BOTELHO

por ARNALDO GAMA

I Isto a quem não acontece? Seja porém na má hora; O tempo desaparece, Estio-se rindo os de fóra A nós não nos parece.

SA DE MIRANDA.

Se já vivoste em Coimbra algum tempo, leitor, has-de lembrar-te, de certo, d'aquellas deliciosas e amenissimas noites, com que Deus felicita a cidade l'etrada, desde que a primavera principia a espalhar flocos por cima dos jardins e dos prados, até que o outomno se põem a desprender dos ramos das arvores a folhagem amarellecida.

N'esta quadra do anno, noites de lua ou noites sem lua são todas alli igualmente formosas. A noite de luar tem a doce e suavissima melancolia da donzella, que soffre de coração alanceado pela saudade do amante, que d'el a se assentou algum tempo. A noite sem lua, essa, recorda a profunda e eterna melancolia da jovem viuva, que, na primeira hora de esposa, viu resvalar do thalamo para a cama o marido, que ama-

va. Ambas são bellas, ambas são delicias. Mas a poesia da saudade sem esperança commove mais que a da saudade que espera. E' por isso talvez que, no tempo em que eu era poeta, eu gostava mais d'aquellas transparentes noites sem luz, do que das noites argentadas pela luz do luar. Admirava estas, extasiava-me com suave adoração deante d'ellas; mas deante d'aquellas sentia-me commovido, sentia a alegria a chorar-me no coração, sentia-me docemente triste e impressionado. Pasmava eu d'aquillo, e accusava-me de depravação do sentimento do bello. Agora sei melhor o que era. Era a sympathia, que é inspirada pela resignação do infortunio. Commovia-me a suave melancolica serenidade d'aquella meiga e dulcissima viuva da luz.

Que noites formosissimas não são aquellas! As diaphanas e doces meias tintas, que esclarecem o espaço, são a luz propria dos amores furtivos, mas venturosos: a atmospha é suave e embalsumata como o primeiro beijo do amor d'uma virgem; o e u assemelha immenso crepe transparente, por sobre o qual arrojaram a granel milhares de diamantes; o rouxinol gorgeia em cântico e suavissima harmonia escondido entre as sombras dos arvores frondosos e vastos; e a brisa, a saeurid das azas milhares de perfumes, ora retonga por sobre a relva do Penedo da Saudade, ora se enreda nas folhas dos salgueiros do Mondego, espalhando momentaneamente as myriadas de pyralispos, que se revolvem por entre elles em nuvens e nuvens de polvoreda scintillante. Que saudades, que vivas enbelantes a

METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

<i>Primeira parte</i> —Cartilha Maternal ou Arte de Lettura—16. ^a ed., cart. 300 réis, broch.	200
<i>Album</i> , ou livro contendo as lições da <i>Cartilha Maternal</i> em ponto grande	55000
<i>Quadros Parietaes</i> , ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões.	65000
<i>Segunda parte</i> —Os Deveres dos Filhos—16. ^a ed., cart., 300 réis, broch.	200
<i>Guia prático e theorico da Cartilha Maternal</i> —1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos.	160

ESCRIPTA

<i>Arte de Escripção</i> —(2. ^a ed., melhorada), 9 cadernos com algumas explicações práticas, cada.	30
Livros de polémica sobre o Método	
A Cartilha Maternal e o Apostolado	500
A Cartilha Maternal e a Crítica	500

Do mesmo auctor:

LITTERATURA

Campo de Flôres —Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3. ^a ed.	700
Prosas —Coordenadas por Theophilo Braga	800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.^o—LISBOA

As livrarias, municipios, institutos de ensino, etc., que requisitarem no Deposito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções desiguales d'estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 colleções de Quadros Parietaes, ou de Albuns, 20 por cento; 10 colleções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.^o (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinças para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por r eqos muito resumidos.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RU DE JOSÉ ESTEVÃO—79

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do matadouro de Lisboa, sangue secco e pulverizado para adubos (o mais rico em azote,) couros, sebo, e tripa a 200 réis o masso.

Rua da Boa Vista,
3 Lisboa

PADARIA FERREIRA & MACEDO

AOS ARCOS
AVEIRO

NESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.^a qualidade, a 70 réis cada kilo; dito de 2.^a, a 450; chá, de 15000 a 35000 o kilo; massas alimenticias de 1.^a qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.^a, a 120; velas marca Sol, cada pacote, a 180; ditas marca Navio, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços módicos.

Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

Aos agricultores

Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em sacas de 75 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Camellas, á Praça do Pelxe—AVEIRO.

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas, dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que for applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submeter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

José Monteiro Telles
dos Santos J.

DENTISTA MECANICO

Colloca dentes e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que falte qualquer dente; obtura a ouro, prata, platina, e a cemento, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito.

RUA DA COSTEIRA
(Em frente da Estátua do JOSÉ ESTEVÃO)



EMPRESA CERAMICA

DA

FONTE NOVA

DE

Mello Guimarães & Irmãos

AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marselha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congêneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de sala. Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS

—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Successores)

NESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rede para vedações, alvaides, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO